

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO



1290002719



TCC/UNICAMP L973f

ADRIANA LUPPI DRUGOWICH

FRACASSO ESCOLAR:

RESPONSABILIDADE DE TODOS

PROF. DRA, ÂNGELA FÁTIMA SOLIGO

CAMPINAS

2005

1290002719

UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ADRIANA LUPPI DRUGOWICH

***FRACASSO ESCOLAR:
RESPONSABILIDADE DE TODOS***

Campinas

2005

UNIDADE	F.E
Nº CHAMADA	12312006
V...	
TOM	2419
PRO	12312006
C	X
PREÇO	
DATA	24/03/06
Nº CPD	3492

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

L973f Drugowich, Adriana Luppi.
Fracasso escolar : responsabilidade de todos / Adriana Luppi Drugowich. --
Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadores : Ângela Fátima Soligo.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Dificuldade de aprendizagem. 2. Progressão continuada.
Participação da família. 4. Formação docente: I. Soligo, Angela Fátima. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-026-BFE

ADRIANA LUPPI DRUGOWICH

***FRACASSO ESCOLAR:
RESPONSABILIDADE DE TODOS***

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como exigência parcial
para o curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação,
UNICAMP, sob orientação da
Prof. Dra. Ângela Fátima Soligo

Campinas

2005

Prof. Dra. Ângela Fátima Soligo

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer imensamente à professora Ângela Fátima Soligo, pela orientação durante todo o processo deste trabalho.

A Nadir Neves Nunes por sua atenção como Segunda Leitora e por suas importantes opiniões acerca desta pesquisa.

DEDICATÓRIA

Gostaria de dedicar este trabalho a meu marido Paulo Fernando Drugowich e às minhas filhas Mariana e Fernanda, por sua paciência durante os meus períodos de ausência e por sua colaboração nas horas mais difíceis.

ÍNDICE

RESUMO	8
1.0 – Apresentação	9
2.0 – Justificativa	10
3.0 – Introdução Teórica	11
4.0 – Métodos	13
5.0 – Causas das Dificuldades	14
5.1 – Causas Centradas nas Crianças	15
5.1.1 – Causas Biológicas	16
5.1.2. – Causas Emocionais	18
5.2 – Causas Centradas na Família	18
5.3 – Causas Centradas no Professor	19
5.4 – Causas Centradas na Escola	21
6.0 - Conclusão	23
7.0 - Bibliografia	27

RESUMO

O presente trabalho pretende abordar as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos em escolas particulares e públicas brasileiras, o modo como essas dificuldades são diagnosticadas e conseqüentemente tratadas. A necessidade de encontrar um “culpado” pelo fracasso escolar está sempre presente em relatos de professores e pais, portanto o trabalho procura analisar os possíveis “culpados” da deficiência de aprendizagem analisando separadamente as causas de centradas na criança, em seus pais, nos professores e na administração escolar.

Esta reflexão procura entender qual o papel de cada um dos analisados dentro do dilema do fracasso escolar, tendo como base teórica os livros *A Produção do Fracasso Escolar*, de Maria Helena Patta e *Preconceitos no Cotidiano Escolar – ensino e medicalização*, de Cecília A. L. Collares e Maria Aparecida A. Moysés. Através da análise teórica procura buscar caminhos para entender como essa classificação acontece, quais os pontos relevantes para que ela aconteça, além de avaliar alternativas para melhorar a compreensão do que representa o fracasso escolar e como superá-lo de forma efetiva.

Ouvir o que os personagens envolvidos no contexto escolar (alunos, pais, professores) têm a dizer com relação ao processo de escolarização é fundamental para que se compreenda os elementos implicados na produção do fracasso educacional. Esta é uma das considerações centrais que norteiam a análise deste trabalho.

1.0 – Apresentação

O fracasso escolar aparece atualmente entre os problemas de nosso sistema educacional mais estudados e discutidos. Mas o que acontece em demasia é a busca pelos culpados do fracasso e, a partir deste ponto, percebe-se um jogo em que ora se culpa a criança, ora a família, ora uma determinada classe social, ora todo um sistema econômico, político, social e cultural. Mas será que existe mesmo um culpado para essa não-aprendizagem? Ela é tão recente quanto se acredita? É um processo anormal? Se a aprendizagem acontece em um vínculo, se ela é um processo que ocorre *entre* subjetividades, nunca uma única pessoa pode ser culpada.

Ao professor fica legada a tarefa não só de passar conhecimento, mas de entender seus alunos e fazer com que eles o entendam; o trabalho de criar pequenos seres pensantes, que reflitam por si, que sejam capazes de se tornarem cidadãos da sociedade que integram, de se fazerem entender e de entender o mundo que os rodeia.

É uma posição bastante crítica e delicada a do professor. De um lado, vê uma escola pública precária e defasada; de outro, alunos vistos através de um preconceito racial e social que possui de profundas raízes culturais. O professor está ali, acuado, no meio deles, desrespeitados pela política educacional, desvalorizados pela sociedade e, em geral, culpando os pobres pelo fracasso da escola pública.

Baseando-se no que pais, alunos e professores pensam a respeito do fracasso escolar e tendo como referência o trabalho de Maria Helena Souza Patto (1990), podemos dizer que o fracasso escolar é compreendido com base na consideração dos aspectos institucionais, políticos, históricos, sócio-econômicos e ideológicos com compõem a complexidade dos fenômenos escolares. Assim, para compreender estes diversos fatores implicados na produção do fracasso escolar, seria importante voltar-se para a escuta da versão destes personagens sobre o processo de escolarização em que estão inseridos, buscando refletir, junto aos mesmos, sobre os aspectos que estariam produzindo o fracasso escolar. Esta reflexão abrange, portanto, discussões sobre a política educacional e a ‘história não documentada’ do processo de escolarização, que envolve o histórico escolar do aluno, a relação professor-aluno, a relação pais-aluno e a relação escola-pais, além de aspectos referentes ao funcionamento institucional escolar.

Procurar um “culpado” pelo fracasso escolar é muitas vezes uma necessidade para que seja possível tentar entender porque ele acontece. Assim será possível analisar as vias por onde passa o processo de ensino-aprendizagem, encontrando falhas, buscando explicações e alternativas para entender e solucionar o problema do não aprendizado escolar. Ao longo deste TCC pretendo penetrar no universo da escola para buscar uma compreensão do problema da repetência, da exclusão de alunos e das dificuldades encontradas por eles durante o processo de aprendizagem.

2.0 – Justificativa

Em cada momento histórico a relação aluno-escola se configura de uma forma específica, mas se sabe que um número significativo de crianças tem sido encaminhado a psicólogos, sob a alegação problemas de aprendizagem. Constantemente pais, alunos, professores e administração escolar procuram eximir-se de qualquer responsabilidade procurando sempre atirar a “culpa” no outro.

O aumento no número de alunos com dificuldades de aprendizagem e a confusão em detectar as possíveis causas deste problema levaram-me a decidir realizar meu TCC sob a ótica deste tema. O trabalho pretende apresentar a causa dessas dificuldades, que pode ser encontrada em diversos fatores, compreendendo recursos internos inerentes à criança (como hereditariedade e fatores emocionais), assim como recursos do meio externo (a família, o meio social). Este trabalho tem como objetivos apontar as causas mais aparentes para o fracasso escolar, buscando uma saída para o professor lidar melhor com esses problemas dentro do processo de ensino-aprendizagem.

“A coexistência de altos índices de evasão e repetência e de um grande número de pesquisas sobre as causas do fracasso escolar” (PATTO, 1997) justifica a procura em entender a constituição deste fracasso ao longo da história e definir sua natureza através da análise do discurso “no que ele *diz*, no que ele *não diz* e no que se *contradiz*” (PATTO, 1997), além de justificar também a continuidade às pesquisas nessa área, já que as teorias e métodos tradicionais de ensino não encontram resposta para o fracasso escolar, nem são alternativas claras que superem as maneiras usuais de entender e pesquisar os problemas escolares.

3.0 – Introdução Teórica

Contexto Histórico

Para entender os problemas de dificuldade na aprendizagem acredito ser necessário uma retomada histórica acerca deste tema, afinal, a dificuldade do aluno no processo de ensino-aprendizagem é tão presente hoje como quando surgiu a função de professor na Antiguidade. Mas não é tão antiga a necessidade de entender essas dificuldades, assim como a de detectar suas causas.

A política educacional, no sentido estrito, tem início no século XIX e “decorre de três vertentes da visão de mundo dominante na nova ordem social: de um lado a crença no poder da razão e da ciência, legado do Iluminismo; de outro, o projeto liberal de um mundo onde a igualdade de oportunidade viesse a substituir a indesejável desigualdade baseada na herança familiar; finalmente, a luta pela consolidação dos estados nacionais (...)”, sendo que “a ideologia nacionalista parece ter sido a principal propulsora de uma política mais ofensiva de implantação de redes públicas de ensino em partes da Europa e América do Norte nas últimas décadas do século XIX” (PATTO, 1997). Os alunos que apresentassem dificuldades de aprendizagem eram simplesmente considerados “ineptos” ou portadores de alguma deficiência patológica.

Durante o século XX a pedagogia aliou-se à psicologia para tentar entender o fracasso escolar, foram fundados na Europa os primeiros Centros Psicopedagógicos, por volta de 1946. Estes Centros uniam conhecimentos da área da Psicologia, da Psicanálise e da Pedagogia e ali se tentava readaptar crianças com comportamentos ditos socialmente inadequados na escola ou no lar, além de atender crianças com dificuldades de aprendizagem (apesar de consideradas inteligentes). Esta união de disciplinas pretendia ser capaz de conhecer a criança e o seu meio, tornando assim possível compreender cada caso estudado para que se pudesse determinar então uma ação reeducadora que se pudesse dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem. Naquele período o processo de pesquisa se iniciava com a diferenciação dos alunos que não aprendiam apesar de serem inteligentes, daqueles que realmente apresentavam alguma deficiência mental, física ou até sensorial.

Nos anos 20 no Brasil, a educação brasileira foi profundamente marcada pelo sistema econômico e social em que se baseava a Primeira República, um sistema oligárquico-monocultor que acabou barrando as reformas liberais propostas pela Escola Nova, que ficaram restritas ao plano das idéias e da legislação, não sendo traduzidas como reformas políticas e sócias concretas como deveriam.

A psicopedagogia influenciou fortemente os países da América Latina e chegou ao Brasil na década de 70. Até então, as cujas dificuldades de aprendizagem estavam associadas a uma disfunção neurológica chamada “Disfunção Cerebral Mínima”, a conhecida DCM, muito em voga na época. Com a introdução da psicopedagogia surgiram cursos de formação de psicopedagogos na Clínica Médico-Pedagógica de Porto Alegre; esses cursos tinham duração de dois anos e tinham como objetivo entender os problemas de aprendizagem apresentados pelos alunos.

Como várias ciências, a psicopedagogia cresceu lentamente, subsidiada pela Medicina e pela Psicologia, até tornar-se um conhecimento independente e complementar, com objeto de estudo definido e recursos diagnósticos próprios. Foi a partir de uma visão interdisciplinar que a Psicopedagogia fez com que o fracasso escolar passasse de algo patológico, uma doença, a apenas um erro apresentado pelo indivíduo durante o processo de construção de seu conhecimento.

Apesar de todo esse desenvolvimento e da implantação do II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979), que pretendia um índice de 90% de escolarização para o então 1º grau, o final da década de setenta apresentou uma taxa de 67,4% entre as crianças de 7 a 14 anos.

A reprovação e a evasão nas escolas públicas de primeiro grau tomaram proporções altas já na década de 80 e uma análise aos números de décadas passadas determina sua “antigüidade e persistência: estatísticas publicadas na década de trinta já revelavam não só os altos índices de evasão e reprovação, mas também o então primeiro ano do curso primário como um ponto de estrangulamento do sistema educacional brasileiro. Ao longo dos sessenta anos que nos separam do início da instalação de uma política educacional no país, sucessivos levantamentos revelam uma cronificação deste estado de coisas praticamente imune às tentativas de revertê-lo (...)” (PATTO, 1997).

Hoje a situação não mudou muito. Alunos, professores, pais, sistema de ensino falido e governo deficiente são culpados a todo o momento por estes e aqueles, mas nunca se chega realmente a um consenso ou essas acusações são baseadas em dados empíricos ou reais. Nos próximos itens, este trabalho pretende desvendar aos poucos os problemas e vantagens de cada um dos “acusados”, procurando situá-los no contexto do fracasso escolar.

4.0 – Métodos

O presente trabalho é uma pesquisa bibliográfica, e as contribuições de caráter prático que surgiram aqui são fruto da minha experiência como professora, do meu dia-a-dia em sala de aula.

O trabalho terá como base bibliográfica *A Produção do Fracasso Escolar*, de Maria Helena Patto e *Preconceitos no Cotidiano Escolar – ensino e medicalização*, de Cecília A. L. Collares e Maria Aparecida A. Moysés. Outros textos serão usados como bibliografia de apoio e estão citados na *Bibliografia* deste trabalho.

A atividade de pesquisa “diferencia-se de outras formas de busca de saberes por basear-se em um processo de construção. Não apenas técnica, mas caminho de procura do conhecer. Este processo constitui o caminho para o acesso à sua apreensão, pela decomposição e reconstrução dialética de sua totalidade. Processo possível pela superação aparente, que por vezes é enganoso; pelo enfrentamento de enigmas a serem decifrados, e de jogos de aparências e sombras, que ocultam o próprio objeto que se procura conhecer. Processo que, não sendo neutro, apóia-se em pressupostos epistemológicos e teóricos” (COLLARES e MOYSÉS, 1996).

Assim, procurei basear-me no livro de Maria Helena Patto para contextualizar o fracasso escolar na Educação brasileira e para procurar entender e encaminhar minhas análises sobre a dificuldade de aprendizagem. Foi este texto que mais elementos forneceu para a constituição de meus pressupostos sobre o “fracasso escolar” assinalados na conclusão deste TCC.

Já o livro *Preconceitos no Cotidiano Escolar – ensino e medicalização*, auxiliou-me no sentido estrutural do trabalho, ajudando a marcar o caminho a ser percorrido para chegar a meus objetivos e buscar as respostas que procurava. O livro foi importante no sentido de que além de uma estrutura de raciocínio organizada ainda fornece elementos de pesquisa de campo das autoras, o que ajudou-me a ter ainda mais material para trabalhar os pontos que acredito serem críticos para este trabalho, onde coloquei minhas idéias e avaliações (algumas vezes em acordo e outras em contraste com aquilo que a bibliografia forneceu-me).

5.0 – Causas das Dificuldades

Embora haja boas tentativas de definir e especificar o que, de fato, seria a dificuldade de aprendizagem ou o fracasso escolar, não existe ainda uma definição consensual acerca dos critérios e nem mesmo do termo. O que é interessante se percebermos que apesar de não se saber definir ou especificar ainda o problema, inúmeras causas para o seu surgimento são listadas.

O cotidiano escolar é repleto de preconceitos sobre os alunos, suas famílias e a educação que recebem “dentro de casa”. Esse preconceito dificilmente é revisto ou abalado e a explicação para o fracasso escolar é sempre vista nos alunos e em seus pais. Pais separados formam crianças problemáticas; os alunos de hoje são mimados; os alunos das áreas rurais aprendem mais devagar; mães que trabalham fora criam filhos carentes ou rebeldes. Estas e muitas outras afirmações podem ser ouvidas pelos corredores e reuniões de conselho nas escolas.

“Pelo discurso dos professores e diretores, a sensação é de que estamos diante de um sistema educacional perfeito, desde que as crianças vivam uma vida artificial, sem nenhum tipo de problemas, enfim, crianças que provavelmente não precisariam da escola para aprender. Para a criança concreta, que vive neste mundo real, os professores parecem considerar muito difícil, se não impossível, ensinar.” (COLLARES e MOYSÉS, 1996)

Diante deste discurso, a escola e sua estrutura nada mais são do que vítimas de uma “clientela inadequada”.

Como foi visto anteriormente, as dificuldades de aprendizagem foram consideradas doenças em muitos anos durante a História da Educação. “Ao biologizar as questões sociais, atingem-se dois objetivos complementares: isentar de responsabilidade todo o sistema social, inclusive em termos individuais e (...) ‘culpabilizar a vítima’. (...) A mesma corrente filosófica que sustenta essa visão de mundo – o positivismo – é a que permeia a sociedade burguesa, principalmente em termos de cotidiano; não há conflitos, então, e tudo é rapidamente assimilado e transformado em *senso comum*. (...) Na escola, este processo de biologização geralmente se manifesta colocando como causas do fracasso escolar quaisquer doenças das crianças” (COLLARES e MOYSÉS, 1996).

É a já citada medicalização do processo de ensino-aprendizagem, que vêm mudando desde os anos 70, mas que ainda está incrustada na mentalidade escolar.

Através da pesquisa bibliográfica, pude determinar quatro categorias fundamentais onde estariam as possíveis causas da deficiência do aprendizado:

- Causas centradas na criança;
- Causas centradas na família;
- Causas centradas no professor;
- Causas centradas na escola.

Entre essas causas COLLARES e MOYSÉS (1996) destacam que diretores e professores vêem alunos e sua família como os principais responsáveis pelo fracasso escolar, sendo que o professor e a escola dificilmente são citados como causadores da deficiência na aprendizagem.

Gostaria, porém, de ressaltar aqui algo que também é exposto por estas autoras e com o que concordo plenamente. O processo de ensino-aprendizagem é uma via de mão dupla. Assumindo que a falha do processo encontra-se somente no pólo “aprender”, esta falha deverá ser encontrada *a qualquer custo*. Redimi-se o pólo “ensino” de qualquer responsabilidade logo na primeira instância e ele nem sequer é cogitado como deficiente ou incompleto. Assim, na maior parte das vezes, a criança acaba penalizada e perde-se a oportunidade de reestruturar o pólo “ensinar”, não detectando qualquer problema ou necessidade de mudança e/ou atualização.

LINHARES ET AL. (2000) assinalam que

“Ao se fazer referência às dificuldades de aprendizagem não se pode perder de vista a presença de distorções inerentes ao próprio sistema educacional e às influências ambientais que funcionam como contexto para as manifestações comportamentais e as peculiaridades do indivíduo que pode apresentar, no sistema escolar, o sintoma de não aprender.” (p.328)

Assim, os problemas que podem ser encontrados no processo de ensino-aprendizagem por vezes são muito mais problemas criados pelo sistema educacional (leia-se tanto professores e diretores, coordenadores quanto pais) do que problemas reais.

5.1 – Causas Centradas nas Crianças

São inúmeras as causas que levam à culpabilidade da criança pelo fracasso escolar. Veremos durante este tópico que, por vezes, a deficiência na aprendizagem pode realmente ter causas no aluno, mas que na maior parte das vezes o problema é embutido nele, sem grandes questionamentos. Causas patológicas, emocionais, sociais, tudo pode se tornar um indicador do fracasso escolar.

Existe a idéia de que a criança é um ser ativo, vivo, esperto, que se estivesse em um ambiente sadio, sem problemas de saúde, poderia superar as falhas do professor e aprender. Dentro deste panorama, pode-se, ainda, identificar várias causas diferentes que serão subdivididas neste trabalho para facilitar a exposição dos argumentos mais comuns utilizados para justificar problemas de aprendizagem quando crê-se que a causa esteja na própria criança. Mas isto não quer dizer que essas “subcausas” sejam apresentadas individualmente em diferentes crianças; por vezes muitas delas são “encontradas” no mesmo aluno.

Dentro das causas de fracasso escolar centradas na criança pode-se evidenciar causas biológicas (desnutrição, problemas neurológicos, doenças em geral, etc.), causas de motivação (excesso de faltas, desinteresse, etc.) e causas anteriores (problemas que nasceram em algum ponto da vida escolar do aluno e não foram sanados, apresentando

consequências no estágio atual). O que chama a atenção é a “quantidade de problemas, pretensamente inerentes à criança, que interferem na aprendizagem ou mesmo, impossibilitam-na” (COLLARES e MOYSÉS, 1997), sendo que os problemas de saúde são a causa mais importante do fracasso escolar, mostrando como a Educação está ainda muito atrelada aos antigos conceitos da Medicina.

“A explicação das dificuldades de aprendizagem escolar articulou-se na confluência de duas vertentes: das ciências biológicas e da medicina do século XIX recebe a visão organicista das aptidões humanas, carregada (...) de pressupostos racistas e elitistas; da psicologia e da pedagogia da passagem do século herda uma concepção menos hereditária da conduta humana (...). A ambigüidade imposta por esta dupla origem será uma característica do discurso sobre os problemas de aprendizagem escolar e da própria política educacional, nele baseada, nos países capitalistas no decorrer de todo o século XX” (PATTO, 1997).

Convém sempre lembrar que a medicina é apenas uma das muitas maneiras de avaliar o ser humano, ainda podendo achar-se caminhos para explicação de problemas humanos através da sociologia, psicologia, antropologia, religião, pedagogia e assim por diante. Mas a medicina funciona na base da avaliação, diagnóstico e tratamento, sendo que quando há um diagnóstico médico, a medicina não abre mão do tratamento. Assim, é incorreto afirmar que a medicina “rotula pacientes”; ela tem papel de diagnosticar pacientes. Porém, educadores completamente desfamiliarizados com diagnóstico médico (até por uma questão de conforto emocional) preferem considerar o diagnóstico uma inutilidade ou um mecanismo de discriminação. Da mesma maneira, há muitos que se prendem em demasia nos termos médicos e acabam banalizando seu uso, fazendo eles próprios diagnósticos daquilo que acreditam existir.

Há casos em que realmente a causa do fracasso educacional reside na criança, quando isso acontece, na maioria dos casos, a família só é mobilizada a procurar ajuda especializada quando fica evidente ou ameaçado o rendimento escolar e a aprendizagem. Infelizmente, quase sempre essa ajuda é procurada incorretamente, pois, na medida em que a família se sente ameaçada por algum estigma cultural, qualquer coisa parece servir, desde que não seja o psiquiatra. Serve o neurologista, o psicólogo, terapeutas e pedagogos, mas psiquiatra, decididamente não. Isso acaba agravando o problema e atrasando ainda mais o aluno no processo escolar.

Antes de inculcar a culpa do não aprendizado na criança, devemos questionar se, de fato, a criança apresenta dificuldades de entendimento ou se apenas seu rendimento não satisfaz as expectativas do professor e da escola. Um desenvolvimento incomum nem sempre denuncia alguma patologia (por exemplo, a gravidez de gêmeos é anormal estatisticamente e normal medicamente), podendo refletir dificuldades pessoais eminentemente circunstanciais.

5.1.1 – Causas Biológicas

“A preocupação com as doenças interpõe-se à necessidade de construir o papel da criança, resultando no surgimento do movimento que no fim do século passado viria a ser



conhecido por puericultura. Atribuindo as doenças à ignorância da população, tem por objetivo básico ensinar. Ou, em suas próprias palavras, 'civilizar os novos bárbaros'. E centra suas orientações sobre a figura da criança" (COLLARES e MOYSÉS, 1996).

É interessante notar que "a doença" impede a aprendizagem. Mas que "doença" é essa, em que gravidade? Essas questões parecem não ter importância e os diagnósticos são sempre fáceis, quando não influenciados, como atestam COLLARES e MOYSÉS (1996):

"A facilidade no diagnóstico é cúmplice do tirocinio. O orgulho por acertar pretensos diagnósticos, por encaminhar corretamente é muito grande. E, aqui, mesclam-se o tirocinio na previsão da reprovação, o tirocinio no diagnóstico médico. Ambos reforçados por critérios no mínimo questionáveis. No caso da saúde, reforça-se por atendimentos médicos precários, também preconceituosos. Tanto médico quanto professora estão exercendo muito mais a ação de rotulação do que a de diagnóstico." (p.84)

A desculpa para um encaminhamento médico é quase sempre ligada à "percepção" ou "intuição" do professor. No livro *Preconceitos no Cotidiano Escolar* (p.84) a frase de uma professora chega a chocar: "Logo no primeiro mês dá pra gente perceber bem essas que vão ter dificuldades e essas que não vão ter. Aí é fácil encaminhar". O interessante é notar que os diagnósticos são sempre dados por profissionais da área pedagógica e nunca da área médica, como seria de se esperar. Como, por exemplo, um professor pode afirmar que uma criança é disléxica e não, simplesmente, mal alfabetizada?

A experiência é ressaltada como principal aliada na hora de encontrar um "aluno doente". Ora, é correto afirmar que a base teórica nem sempre fornece material necessário suficiente para formar um bom professor e que a teoria, sem aliar-se à prática, pode tornar-se vaga, inoperante e irreal. Mas da mesma forma a experiência pura e somente não forma bons professores. Há necessidade de pesquisa, de atualização de métodos e conceitos, de novos estudos; sem estar a par da teoria, a prática torna-se obsoleta e incoerente.

Gostaria de salientar que existem crianças com problemas de saúde que podem ocasionar problemas de aprendizado. Mas essas causas não são maioria entre os problemas na escola, caso contrário teríamos mais crianças em hospitais que em sala de aula. Além disso, crianças com problemas confirmados (como falta de audição ou visão, por exemplo) assim que encaminhadas a instituições especializadas em desenvolver de modo correto o ensino para esses "alunos especiais", mostram-se tão capazes de aprender quanto crianças sem problemas.

A insistência nesse tipo de avaliação consiste preconceito, desinformação e apego a teorias há muito ultrapassadas. As citações de professores para as causas biológicas de não aprendizado contidas no livro *Preconceitos no Cotidiano Escolar* (1996) mostram o despreparo de muitos docentes, revoltam e aumentam a descrença no sistema de ensino brasileiro. Muitos professores acreditam que a criança "normal", sadia, sem problemas neurológicos, é aquela que atende às suas exigências e expectativas dentro da sala de aula, mostrando claramente que nem por um momento pensam que o problema pode estar em outro lugar que não na criança.

5.1.2. – Causas Emocionais

Os fatores emocionais também são citados como causa do fracasso escolar e as condições do que se costuma chamar de “vida moderna” podem causar estresse e desgaste físico. As crianças não estão livres destes problemas, mas convém ressaltar que problemas psicológicos sérios comprometem, sim, a vida escolar, mas “*não por uma interferência direta e exclusiva sobre os processos de aprendizado, e sim por poderem comprometer todas as atividades desta criança*” (COLLARES e MOYSÉS, 1996). Esse tipo de situação pede um psicólogo, ajuda profissional especializada, mas não é só desse tipo de criança que se fala quando a causa para a deficiência do aprendizado é a “emocional”.

A generalização é comum e tudo se torna uma deficiência para as dificuldades em sala de aula: os pais passam o dia fora, a criança é filho único, os pais são separados, etc. Sem contar que todas as falas sobre problemas emocionais acabam centrando-se em comportamento. Assim também são listados como problemas emocionais os níveis de afetividade, timidez, energia e agressividade das crianças.

A escola acaba “psicologizando” uma questão puramente pedagógica, transferindo a responsabilidade para outro lugar, eximindo-se de seu próprio fracasso e delegando o problema a outrem.

O curioso é perceber que se essas crianças “emocionalmente problemáticas” sofrem tanto em casa, a escola, para elas, deveria ser um oásis onde poderiam esquecer os problemas e tentar ser crianças, como é seu direito. Mas o que acontece é exatamente o contrário. “*Se a escola é um ambiente saudável, como se pretende, por que é exatamente aí que as crianças não aprendem?*” (COLLARES e MOYSÉS, 1996).

A imaturidade também é uma causa emocional bastante citada para explicar o fracasso o escolar. Porém os professores não conseguem explicar o que é a imaturidade, como se manifesta, é detectada ou como sanar o problema. Aliás, na maioria das vezes o problema é tido como sem solução, pois dependeria da própria criança “amadurecer”.

Mais uma vez, como já foi dito no tópico acerca de problemas biológicos, “uma criança com problema psicológico sério poderá apresentar repercussões desse problema em todos os momentos de sua vida, em todas as atividades. Inclusive, não apenas. Isso é óbvio demais; seria absurdo negar a importância do psiquismo sobre toda a vida do ser humano. Entretanto, também é razoável supor que não deva ocorrer com muita frequência” (COLLARES e MOYSÉS, 1996).

5.2 – Causas Centradas na Família

Como já foi mencionado anteriormente, a condição das famílias e sua estrutura poderia ser causa de problemas emocionais que levariam a criança ao não aprendizado. Também já foram mencionados alguns dos inúmeros fatos que levam uma família a causar problemas para o aprendizado do aluno: família desestruturada, desemprego, pais separados, alcoolismo, pais analfabetos, mãe que trabalha fora e irresponsabilidade paterna.

Os professores e diretores acabam idealizando um tipo de família que acreditam ser a correta para seus alunos, desconhecendo a vida concreta deles. Crianças de pais divorciados são problemáticas pelo simples fato de seus pais serem separados, como se o lar ideal fosse sempre existir um pai, uma mãe e os filhos. Nunca passa pela cabeça dos educadores que antes da separação o lar tido como perfeito poderia apresentar inúmeros problemas que agora, com só a mãe ou o pai cuidando dos filhos, não existam e a situação da casa seja bem melhor.

A falta de atenção, afetividade e responsabilidade dos pais também é preconceito dos educadores, e na maioria das vezes é citada sem nenhum embasamento na realidade; a imagem que a escola tem ao se referir às famílias dos alunos mostra seu aprisionamento nessa concepção idealizada de família. “Quando existe algum conhecimento, este não costuma ser usado como elemento individualizador da criança, (...) com intuito de compreendê-la como sujeito único e completo, com suas particularidades, necessidades e desejos. E enxergar a criança como indivíduo é respeitá-la, passo essencial para estabelecer a relação biunívoca de ensinar e aprender. Com muita frequência, este conhecimento alimenta os preconceitos do professor em relação à criança e sua família, alicerçando estigmas preexistentes” (COLLARES e MOYSÉS, 1996).

Mesmo assim, os pais, inúmeras vezes afrontados pelo não aprender de seus filhos, buscam alternativas variadas e optam por contratar serviços psicológicos, de reeducadores, de professores particulares, após terem seguido o caminho dos médicos, na tentativa de identificar a causa do fracasso escolar. Mesmo assim e na maioria dos casos o que acontece é que os pais desconhecem seus filhos, não percebendo como as crianças aprendem, como procedem no momento de estudo, como se organizam pessoalmente, quais os seus anseios, medos, angústias. A maioria não dialoga com seus filhos, apenas questiona a razão do baixo resultado.

Também é papel dos pais inteirar-se com o cotidiano de estudo de seus filhos: matérias preferidas, matérias em que tem maiores dificuldades, estipular horários de estudos e certificar-se de que estejam sendo cumpridos, notas, trabalhos feitos e a serem feitos. A escola tem a responsabilidade da educação, mas os pais não podem eximir-se de sua parcela de responsabilidade também, pois os estudos se estendem em casa.

5.3 -- Causas Centradas no Professor

Na pesquisa feita no livro *Preconceitos no Cotidiano Escolar* (1996) professores e diretores estão sempre em consenso quanto às causas do fracasso escolar: elas estariam centradas no aluno e/ou em seus pais. Já quando se trata de “culpar” o professor, a coisa muda de figura: “Pela primeira vez, nesta pesquisa, aparece uma clara divergência entre diretores e professores. Oito diretoras (100%) apontam o professor como uma das causas do fracasso escolar. Apenas catorze professoras (35%) têm a mesma opinião” (p.197).

Os professores não acreditam muito em suas falhas enquanto educadores, porém há muitos que são bastante realistas no que diz respeito à prática. A falta de interesse e a comodidade são pontos importantes a considerar e não é raro encontrá-los em docentes de qualquer esfera, seja ela pública ou privada.

Salvo problemas graves de relacionamento ou de “encaixe” nos padrões da escola, o professor da rede particular tem pelo menos um ano de contrato e na rede pública a demissão pode não passar de um pesadelo muito, muito distante da realidade. Assim, é comum observar professores, com anos de trabalho, que entram na sala, dão sua aula, lêem o livro didático, marcam dever de casa, respondem perguntas e saem da sala, exatamente como faziam há anos.

Tanto faz se os alunos estão aprendendo ou não: o salário no fim do mês é o mesmo. Este tipo de atitude é comodidade, é falta de comprometimento com a atuação educacional. É não se atualizar, tanto no que se refere à métodos e práticas de ensino quanto a conteúdo. É não ler coisas novas ou fazer cursos só para agradar a direção da escola, conseguir cargos melhores ou aumento de salário. É não se comprometer com o ensino, com o aluno que é sua responsabilidade. É não se importar com o país, porque essas crianças de hoje, que não aprendem ou que aprendem mal, serão a parcela adulta da população amanhã, responsável pelo andamento sócio-econômico e cultural deste país. É um descomprometimento com toda a sociedade.

A má-formação do professor também é um ponto a ser analisado. Basta contar o número de universidades no país onde é oferecido o curso de Pedagogia. Quantas delas são realmente boas? E entre as boas, o que o curso oferece? Os professores estão preparados, ao sair da faculdade, para enfrentar uma sala de aula real? Tudo parece basear-se em um “método”, em discutir essa ou aquela escola de pensamento. O método parece ser a

“chave para o sucesso ou fracasso das crianças. A intensidade com que a discussão pedagógica se limita ao método, entendido não em sua acepção epistemológica, mas no sentido de ‘qual cartilha?’, ‘método de quem?’, é indicadora de como se superficializam os problemas, de como se criam problemas artificiais. (...) Para os professores, o método é fundamental, é o elemento mágico de transformação. (...) Mas o que é um método? Aliás, o que deve ser um método? (...) O método é (...) uma elaboração teórica. Um processo que acontece em todos os espaços intelectuais. Uma padronização que é o resultado da sistematização de conhecimentos científicos. Padronização que permite aplicações, comparações, análises. Novos conhecimentos científicos. (...) Uma teoria decorre da sistematização de um conjunto de conhecimentos prévios, hipóteses, novos conhecimentos. Essa sistematização é fundamental para o avanço do conhecimento. E é ela que será a base de padronizações, normas, que orientarão a aplicação do conhecimento teórico”. (COLLARES e MOYSÉS, 1996)

Orientar a teoria, é o que se espera de um método, de uma norma; não deve adquirir vida autônoma. Sem a teoria a norma se torna rígida, burra e inútil. O problema dos professores brasileiros não é método que escolhem para trabalhar, mas sim o uso que fazem dele.

Outro problema que se levanta ao falar de causas centradas no professor é o uso de técnicas de ensino inadequadas ou falta de domínio da técnica correta pelo professor. Juntamente, o “descaso das autoridades” está presente neste discurso e entra como vilão, mas, como assinala ANGELUCCI ET AL.,

“o descaso é reduzido ao fato de as autoridades não proporcionarem formação técnica adequada aos professores. Afirma-se que o fracasso escolar é produzido na e pela escola, mas reduz-se esta produção à sua inadequação técnica. Na verdade, continua-se a compreender o fracasso escolar como resultado de variáveis individuais, embora nessas teses a variável independente investigada seja a capacidade profissional do professor.” (2004)

Assim, neste contexto, ser um bom professor significa nada mais que ter formação técnica adequada, refletir sobre sua prática, planejar intervenções e estar motivado. Estando todos estes pontos garantidos e certos, caso haja crianças que não aprendem pode-se então afirmar que há outros tipos de dificuldades (provavelmente da criança e dos pais) que devem ser analisadas, voltando ao modelo medicalizante usado há tantos anos atrás.

5.4 – Causas Centradas na Escola

A escola pode ser tão responsável pelo fracasso escolar quanto o professor na medida em que estimula a comodidade de seus docentes, apesar de predominar a concepção de que a escola é um lugar harmônico em que o potencial de cada um encontra condições ideais para se desenvolver (ANGELUCCI, et al., 2004).

Há inúmeros casos.

Escolas tradicionalistas demais inibem a atuação de professores mais criativos, podam idéias adicionais para dinamizar as aulas e não investem em tecnologia para acompanhar o mundo em que o estudante vive. As escolas muito “moderninhas” acabam tornando o cotidiano escolar uma bagunça generalizada, sem objetivo, sem cobrança de resultados, sem coerência. Dosar a quantidade de liberdade parece tarefa muito difícil, mas muitos já conseguiram encontrar o equilíbrio. Quando o problema é da escola, uma exagerada restrição das atividades podem favorecer falsos diagnósticos de crianças hiperativas, se as aulas carecem de atrativos pedagógicos, podem surgir falsos diagnósticos de “déficit de atenção”, se a criança é assediada, se apanha de grupos delinquentes, se é submetida à situações vexatórias (para ela, especificamente), podemos observar falsos diagnósticos de fobia escolar e assim por diante.

A escola precisa fazer o professor se envolver com os alunos, da mesma maneira que deve interagir com o estudante, procurando entender suas necessidades e anseios, colocando essas demandas em comparação com a postura pedagógica adotada e procurar uma solução que não fira os preceitos da escola nem renegue as necessidades dos alunos.

É importante para estimular o professor a buscar conhecimento, a engajar-se cada vez mais na prática docente, dando possibilidades materiais, administrativas e de atuação para tanto, buscando uma parceria com o professor.

Muitas vezes o diagnóstico pouco criterioso de “hiperatividade” ou até “fobia escolar”, entre outros, serve como atenuante para alguma comodidade ou incapacidade da escola (e, leia-se, também do professor) para lidar com processos e métodos de aprendizagem. Não é segredo que a maioria das escolas, notadamente públicas, está longe

de cumprir sua tarefa de instruir e educar, envolvidas que estão por ditames políticos demagógicos, ou técnicos utilitaristas.

Percebe-se, com certa facilidade, que algo está muito errado e que, nem sempre, o erro é exatamente das crianças.

A mentalidade corrente de que o professor é mero funcionário da escola e dos alunos é outro problema encontrado em muitas escolas, principalmente nas privadas. Esta mentalidade não funciona, é maléfica para a instituição e para o sistema educacional. Para manter seus alunos muitas escolas privadas acabam adotando o hino do “eu pago, eu posso”, dando razão sempre aos alunos/pais, deixando o professor desmoralizado, sozinho, reduzido a um simples empregado.

A causa do fracasso escolar aplica-se à escola a partir do momento que esta sai de seu papel de educadora e formadora de cidadãos para se tornar nada mais que uma empresa, centrada apenas em seus próprios preceitos (modernos ou tradicionais) e buscando nada mais que o lucro. No caso da escola pública o mesmo acontece quando sua direção cai na apatia corrente que acomete parte dos professores, no conformismo de que o estado não apóia a Educação no Brasil e de que ela só atende a estudantes que não querem aprender.

Muitos ainda colocam a escola como instituição social que contraditoriamente reproduz e transforma a estrutura social em que está inserida, partindo do princípio de que o fracasso escolar é um fenômeno que está presente desde os primórdios da educação pública brasileira. *“A análise do fracasso escolar deve considerar a escola como instituição inserida em uma sociedade de classes regida pelos interesses do capital, sendo que a própria política pública encontra-se entre os determinantes do fracasso escolar”* (ANGELUCCI et al., 2004), o que acaba incluindo a política no rol dos causadores do fenômeno de não-aprendizagem.

6.0 - Conclusão

Esta pesquisa mostrou que muitos dos casos são prontamente enviados a psicólogos, e me pergunto, então, a respeito do lugar que este profissional ocupa no espaço pedagógico, a maneira como a escola trabalha com os “alunos-problema” e ainda a inculpação de outrem para problemas de não-aprendizado e repetência dos alunos.

A crença na incompetência das pessoas pobres é generalizada em nossa sociedade. É muito comum que as crianças consideradas problemáticas venham de escolas públicas ou ainda de camadas pobres da população. A relação entre fracasso escolar e pobreza está sempre presente na fala de professores, direção escolar e dos próprios pais de alunos. Essas idéias preconceituosas só ajudam a acentuar a exclusão de crianças, adolescentes e até adultos no universo escolar. Já está mais que na hora de entender que criança carente que não aprende não aprende porque é pobre. É preciso atuar em bases mais realistas, problematizar e questionar o que se entende por carência e quais as suas implicações na produção e superação do fracasso escolar.

Segundo PATTO (1997),

“dizem para o oprimido que a deficiência é dele e lhe prometem uma igualdade de oportunidades impossível através de programas de educação compensatória que já nascem condenados ao fracasso quando partem do pressuposto de que seus destinatários são menos aptos à aprendizagem escolar. Mesmo assim, fazem renascer, com estes programas, a esperança na justiça social, mais uma vez graças ao papel democratizante atribuído à escola compensatória que supostamente reverterá as diferenças ou deficiências culturais e psicológicas de que as classes “menos favorecidas” seriam portadores. Geram, desta forma, uma nova versão da idéia da escola redentora: será ela que redimirá os pobres curando-os de suas deficiências psicológicas e culturais consideradas as responsáveis pelo lugar que ocupam na estrutura social. Em síntese, partem do senso comum e apenas o devolvem à sociedade revestido de maior credibilidade.” (p.50)

O psicólogo, dentro da escola, tem possibilidade de atuar de diferentes modos, mas a maior parte das queixas dos professores é que o aluno tem dificuldade em aprender. Faz-se então inúmeros e cansativos exames psicológicos, que podem produzir diferentes resultados, dependendo da classe social em que a criança está inserida. Nas classes média e alta, a criança diante do diagnóstico poderá ser levada a psicoterapias, terapias pedagógicas e diversas outros meios que propendem a ajustar a criança a uma escola ideal. Já as crianças de classe pobre nada mais encontram do que uma situação de justificativa de sua dificuldade na escola e futuramente a exclusão dela.

Interessantemente, a dificuldade de aprendizagem nunca é considerada “natural”, mas sempre um fenômeno preocupante, problemático e inaceitável. Diante de novos desafios, é perfeitamente normal (seja uma criança ou um adulto, em qualquer situação de aprendizado) um aluno apresentar dificuldades. O que seria da escola se todos pudessem ter a felicidade de aprender sem dificuldades, facilmente, prontamente? O professor se tornaria obsoleto e todos poderiam aprender através de livros ou da experiência própria. Mas algo

que é inerente do estudante acaba se tornando um monstro inaceitável, indo de encontro com a idéia de que o sucesso na escola não é para todos. Problemas de aprendizado são comuns e podem ser resolvidos da maneira mais natural possível, cabendo ao professor avaliar-se também, pois crianças com dificuldades de aprendizagem formam um grupo heterogêneo, o que torna difícil generalizar tanto as causas como os melhores procedimentos para lidar com elas.

Enfim, não é necessário tratar as dificuldades de aprendizagem como se fossem problemas insolúveis, mas, antes disso, como desafios que fazem parte do próprio processo da aprendizagem, a qual pode ser normal ou não-normal. Também parece ser consensual a necessidade imperiosa de se identificar e prevenir o mais precocemente possível o fracasso escolar, de preferência ainda na pré-escola.

Os conceitos de sucesso e de fracasso são, na maioria das vezes, aprendidos na escola, pois lá é que a competência da criança é avaliada tanto pelos adultos como por ela mesma. O sucesso é como um fermento, que aumenta a auto-estima e propulsiona a pessoa a tentar novas experiências. Como essas são planejadas com um índice ótimo de equilíbrio intelectual e emocional, normalmente também resultam em outro sucesso. Já com o fracasso, ocorre um processo paralisante, pois todos sabemos que após duas ou três experiências desastrosas, as pessoas saudáveis procuram se resguardar, evitando um novo contato desagradável e penoso com aquilo que gerou a frustração.

“Primeiramente o que se deve observar é que, enquanto fenômeno, é histórico, nem sempre existiu e se isto não ocorria deve-se ao fato de que a maioria da população brasileira não tinha acesso à escola, exatamente os membros das classes trabalhadoras, tanto urbanas, quanto rurais. É importante também perceber quem fracassa, pois assim começa-se a deixar de fazer uma análise abstrata para identificar concretamente quando ocorre e em que circunstâncias a escola apresenta um rendimento diferenciado”. (FERNANDES, 2005)

É verdade que as condições materiais concretas de vida da maioria das crianças matriculadas na escola pública são precárias e se encontram num quadro de alimentação deficiente, falta de atenção, de carinho e de estímulos em casa, informações, contatos com a língua escrita. Mas conhecer essa realidade não precisa ser motivo de rotulação ou de transposição de responsabilidade da escola para a realidade social ou para a família. Conhecer esta realidade é o ponto de partida para adequar a prática pedagógica às crianças que nela estão inseridas, e não como vem sendo feito, usar este conhecimento como alibi para eximir a escola de seu papel na produção do fracasso escolar.

“A superação da produção social e um conhecimento mais consistente da realidade sobre o fracasso escolar deve, necessariamente, ser resultado de um trabalho, de um esforço interdisciplinar que aproxime cada vez mais o mundo acadêmico e as redes de ensino na perspectiva de um duplo enriquecimento. Só assim pode-se contribuir para que a escola exerça seu papel de transmissora de conhecimento, sem esquecer que deve atuar com sujeitos do conhecimento coerente com o objetivo de desenvolver cidadãos críticos, capazes de construir uma sociedade democrática.” (FERNANDES, 2005)

Acreditar que a dificuldade de aprendizagem é responsabilidade exclusiva do aluno, ou da família, ou somente da escola e do professor é, no mínimo, uma atitude ingênua perante a grandiosidade que é a complexidade do aprender. Procurar e achar um corpo que assuma a culpa do fracasso escolar dá-nos a sensação de que está tudo resolvido. Tentar esconder problemas também não é uma saída aceitável. A dificuldade de aprendizagem centra-se no todo, no conjunto do processo, envolvendo todos que dele participam. É preciso também distinguir aquilo que é próprio da criança, em termos de dificuldades, daquilo que ela reflete em termos do sistema em que se insere.

Muitas vezes as dificuldades de aprendizagem são reações compreensíveis de crianças neurologicamente normais, porém, obrigadas a adequar-se às condições adversas das salas de aula. Há muitos casos de crianças sensíveis e emocionalmente retraídas quem passam a apresentar dificuldades na escola depois de submetidas a alguma situação constrangedora que não foi percebida pelos demais (pais, educadores). Trata-se de uma situação corriqueira agindo sobre uma criança afetivamente diferenciada, que nem sempre a escola, incluindo o professor, orientador, coordenador e demais colegas de classe, percebem.

O professor quase sempre está acomodado demais no seu mundo ideal para entender as reais necessidades do aluno ou de fazer um curso de reciclagem ou de entender a deficiência no processo de aprendizagem como um problema político-pedagógico. O professor esquece que o processo é de ENSINO-APRENDIZAGEM, uma via de mão dupla, onde um está conectado no outro, portanto as principais causas de não aprendizagem podem ser causas de “não ensino”.

É preciso que o professor seja capaz de transformar a relação que se estabelece com a maneira de aprender. Não basta mais ter informações a respeito de um determinado assunto, resolver os problemas de qualquer forma, ou utilizando um determinado procedimento. Com a complexidade que o mundo moderno apresenta, o sujeito contemporâneo necessita buscar as informações, saber selecioná-las, analisar as possibilidades que elas oferecem para solucionar uma situação e adotar uma postura criativa, com maturidade emocional para posicionar-se frente a qualquer escolha que venha a fazer. É importante mostrar ao aluno como é gostoso aprender e qual a necessidade real de aprender, sem cair nos estigmas óbvios da falta de emprego ou da exclusão social. O aluno deve sentir a necessidade de aprender. E, entretanto, diante da necessidade de aprender, há a dificuldade de aprender, que vem associada a sentimentos fortes de incapacidade, sensações de angústia e baixa auto estima. Também não convém descartar a vontade de não aprender. Desejo inconsciente, mas que traz consigo sentimentos de medo e vergonha de crescer, de desenvolver-se, de amadurecer, de enfrentar um mundo tão dinâmico e exigente. Para tudo isso o professor deve estar preparado.

Para saber optar com coerência diante das solicitações cotidianas, é necessário estar constantemente estudando e conseqüentemente aprendendo: os ambientes, as pessoas, as relações, os diversos saberes (para habilitar-se a fazer leitura de cenários e redimensionar suas ações na perspectiva de interferir de forma significativa no real).

Reconhecer que os alunos hoje possuem um outro padrão de aprendizado é um caminho importante para o professor. O aluno contemporâneo apresenta um aumento

visível da sensibilidade visual e audiovisual, no entanto há uma considerável regressão da sensibilidade auditiva pura; ele é mais rápido na aprendizagem e na manipulação e interpretação de sinais e símbolos, entretanto possui importante dificuldade de concentrar-se por mais de dois ou três minutos seguidos sobre o mesmo tema, bem como de decorar e reter textos de certa extensão. É só prestar atenção nessas crianças trabalhando diante do computador ou diante do videogame. É praticamente impossível encontrar uma criança nos dias de hoje que não consiga se interar rapidamente de como funciona uma tecnologia digital (inclusive os que não têm acesso a essas mídias).

Ao realizar seus planejamentos, o professor e a escola precisam antes de organizá-los considerar as vivências, os conhecimentos e as informações que o aluno carrega e a sua forma de ver e de viver no mundo moderno, para optar por uma forma metodológica que auxilie a transpor o conteúdo sistematizado, científico, e promover uma aprendizagem significativa. A escola, ao promover leituras e debates entre professores e profissionais da área da saúde cria oportunidades importantes para que o professor conheça mais como acontece e como poderá contribuir para o desenvolvimento cognitivo de seus alunos.

São medidas que demoram, de longo prazo, que exigem paciência e dedicação, mas o imediatismo e a ingenuidade de pretender vencer um grave problema estrutural como o fracasso escolar por meio de medidas emergenciais também conta para que o fracasso escolar seja cada vez mais um problema cansativo a ser enfrentando tanto pela escola quanto pelo estado. Da mesma maneira que a transformação de teorias científicas em soluções mágicas, em redenção para a escola pública ou privada brasileira. “Ao transformar teorias em simples técnicas, nega-se ao professor a possibilidade de, pelo conhecimento e entendimento de uma teoria, modificar efetivamente sua prática pedagógica. Como ‘métodos’, todos são iguais.” (COLLARES, 1996 – p.69)

Aqui convém ressaltar que a diminuição da repetência e da evasão escolar não são indicadores de que o fracasso escolar têm sido eliminado. Este é um problema com raízes mais profundas do que simples amostragens e números. Hoje, a atual legislação de Educação permite que os alunos reprovados em uma escola possam pedir a “reclassificação” em uma outra instituição, onde passam por provas e avaliações, sendo que se forem considerados aptos serão aprovados e deverão continuar seus estudos na instituição que os aprovou (Lei nº 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Capítulo II, Seção I, 1º Parágrafo).

Não há solução mágica e imediata para o problema do ensino no Brasil, principalmente o ensino público. E este problema não se resume ao não aprendizado dos estudantes, mas engloba toda a estrutura da escola e do sistema pedagógico deste país, sempre atrelado a questões políticas, dependente da boa vontade de facções, arraigado ao preconceito, historicamente deficiente e construído de modo imediatista e sem planejamento.

7.0 - Bibliografia

ANGELUCCI, Carla B., KALMUS, Jaqueline, PAPARELLI, Renata e PATTO, Maria Helena S. "O Estado da Arte da Pesquisa Sobre o Fracasso Escolar" *in Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.30, nº1, 2004.

BASSEDAS, E. e COL. **Intervenção Educativa e Diagnóstico Psicopedagógico**. São Paulo: Artes Médicas, 1996.

BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

BUROCHOVITCH, Evelyn e COSTA, Elis R da. "Compreendendo Relações entre Estratégias de Aprendizagem e a Ansiedade de Alunos do Ensino Fundamental de Campinas" *in Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v.17, nº 1, 2004.

CASTRO, A. D. e CARVALHO, A.M.P. (Org.) **Ensinar a Ensinar: Didática para a escola Fundamental e Média**. São Paulo: Pioneira, 2002.

CARLBERG, S. "Pensando no Fracasso Escolar"- *Revista Psicopedagogia* — Vol.1, Nº 35, 1996.

COLLARES, CECÍLIA A.L. E MOYSÉS, M. APARECIDA A. **Preconceitos no cotidiano escolar: Ensino e medicalização**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERNANDES, Priscila Valverde. **Fracasso Escolar: realidade ou produção?** - Revista Urutágua - Revista Acadêmica Multidisciplinar - Centro de Estudos Sobre Intolerância Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá, 2005.

LIBÂNEO, J.C. **Adeus Professor, Adeus Professora?: Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 2002.

LINHARES, Maria Beatriz M., LOUREIRO, Sonia R., MARTURANO, Edna M. e MEDEIROS, Paula C. "A Auto Eficácia e os Aspectos Comportamentais de Crianças com Dificuldade de Aprendizagem" *in Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v.13, nº 3, 2000.

MENDES, M. "A leitura Psicopedagógica no contexto escolar" — *Revista Psicopedagogia* — Vol. 11 — Nº 23 — 1992.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento – Um Processo Sócio-Histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

PATTO, M. H. S. **A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e Realidade Escolar**. Campinas: Vozes, 1996.

SISTO, F.F. **Aprendizagem e Mudanças Cognitivas em Crianças**. Petrópolis: Vozes, 1997.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica: Epistemologia Convergente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____. **Psicopedagogia: novas contribuições**. Organização e tradução Andréa Morais, Maria Isabel Guimarães – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

